



O PEDAGOGO E A FORMAÇÃO DO PARFOR: A PRÁXIS NO ENSINO DE HISTÓRIA NO INTERIOR DA BAHIA

Keite Maria Santos do Nascimento Lima

*Faculdade Santíssimo Sacramento
keitem@hotmail.com*

RESUMO

O artigo discute os impactos do curso de pedagogia do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR/UNEB – na adoção de novas posturas e metodologias, no ensino história, admitidas pelos pedagogos, da rede municipal de ensino de Alagoinhas- BA. O interesse pela pesquisa está diretamente relacionado a minha experiência como docente/ formadora desses professores. Ministrando os componentes curriculares Ensino de História I e II e Oficinas de ensino na área específica, no município, ficou evidente o desconhecimento sobre conceitos históricos e a importância dessa área de conhecimento enquanto disciplina escolar. Os depoimentos dos professores/estudantes, sujeitos da pesquisa, durante as aulas, em relação aos desafios para ensinar História; a aversão dos estudantes à disciplina; as dificuldades dos pedagogos para se apropriarem de conceitos próprios das ciências humanas e entender as relações sociais; as dificuldade para selecionar e organizar os conteúdos, assim como, a questão das experiências vividas pela humanidade no tempo - espaço nos levou às seguintes questões: como esses professores/pedagogos entendem e ensinam História? Em que medida a Formação inicial auxiliou a práxis desses profissionais ao que tange ao processo de ensino-aprendizagem de História? Ocorreu realmente o desenvolvimento de um conhecimento histórico escolar? As informações socializadas foram coletadas durante um ano, utilizando o método de pesquisa qualitativa. Através de entrevistas, observação participante e análise de documentos como os planejamentos e as sequências didáticas discutimos a Formação e os saberes históricos mobilizados em sala de aula pelos pedagogos (as) no curso de Pedagogia do –PARFOR- da cidade de Alagoinhas ao lecionar história.

Palavras-chave: PARFOR; Formação de pedagogo; ensino de História; práxis pedagógica

1. INTRODUÇÃO

Segundo a Resolução CNE/CP nº1/2006, o estudante de pedagogia trabalha com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos cuja consolidação se dará no exercício da profissão. Será que essa pluralidade de saberes dá condição teórica e metodológica para que o pedagogo possa trabalhar conteúdos históricos?

Essa e outras inquietações surgiram em uma perspectiva de verificar como os futuros pedagogos, lecionam, entendem e ensinam história nas Séries Iniciais do Ensino



Fundamental I? Como esses profissionais a partir de uma formação tão plural conseguem transmitir os conhecimentos específicos da disciplina? De que maneira a formação inicial universitária contribuiu para ressignificar as bases, os métodos os conceitos históricos mobilizados no ensino de História em sala de aula?

Problematizar o Ensino de História a partir de um olhar sobre a atuação do pedagogo em formação que participa do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR/UNEB na cidade de Alagoinhas foi um desafio para uma historiadora que percebeu na experiência vivenciada ora como professora da educação básica ensinando história ora como orientadora desses profissionais da educação - que em virtude de uma formação generalizada e complexa os pedagogos sentem dificuldades para se apropriarem de concepções teórico-metodológicas do ensino de História, assim como das especificidades do ensino dessa disciplina - a necessidade de discutir se o curso de formação voltado para professores em exercício na Educação básica atribuiu um novo significado a práxis desses profissionais.

Muitos professores ensinam história da maneira que aprenderam durante sua escolarização. E a História que aprenderam é tributária “[...] de determinados conteúdos ‘tradicionais’ e do método da ‘memorização’, responsável por um *slogan* famoso da História escolar: ‘uma matéria decorativa’ por excelência” (BITTENCOURT, 2009, p.60). Assim, ensinar História se resumia a comemoração de datas cívicas, tais como a Independência do Brasil, a Proclamação da República, o Dia do Índio, etc. que, com outras datas consideradas importantes como o aniversário da cidade faz parte do currículo de História ensinado.

A opção por trabalhar os docentes que estavam sendo formados no Curso de pedagogia do PARFOR se dá principalmente, pela peculiaridade dessa política nacional de formação de professores primar por qualificar educadores (as) no exercício da docência possibilitando uma transposição didática mais eficaz. Assim, acredito que apesar dos numerosos desafios que o professor enfrenta como dispor de pouco tempo para as leituras e pesquisas, não podemos deixar de sinalizar que ao proporcionar uma Formação na qual o estudante concomitante ao processo de graduação se mantém em



exercício de sua função pode superar a divisão histórica entre saberes produzidos na academia e os saberes mobilizados no chão da escola.

2. METODOLOGIA

A discussão ora proposta vincula-se à área de Educação sem perder de vista sua inter-relação com a História. Ao articular a reflexão entre as aprendizagens ocorridas na graduação em Pedagogia pelo PARFOR/UNEB e a possível ressignificação das práxis do pedagogo no ensino de História nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, optei pela abordagem qualitativa, fazendo uso, nesta pesquisa, de relatos de experiências e análise de fonte primária como os documentos como os planejamentos e as sequências didáticas são fontes importantes para analisarmos como é teorizado o ensino de História e como ele ocorre na prática.

Essa escolha está pautada na liberdade que o estudo possibilita ao investigador tanto a ampliação de suas fontes “[...] os pesquisadores qualitativos geralmente coletam múltiplas formas de dados, tais como entrevistas, observações e documentos, em vez de confiarem em uma única fonte de dados [...] (CRESWELL,2010,p.208) quanto possibilita “[...] a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da contestação, valorização a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados” (ANDRÉ, 2002, p.17).

É importante sinalizar que a pesquisa no campo educacional na perspectiva qualitativa dá condição ao pesquisador ampliar o olhar sobre o contexto e as práticas vivenciadas pelos sujeitos, assim como, possibilita uma riqueza de informações acerca das experiências e das formas como os sujeitos se relacionam com o social. Dessa forma, a interação constante entre o pesquisador e o objeto pesquisado; a ênfase no processo; a preocupação com o significado e o trabalho de campo são características que direcionam a pesquisa para uma abordagem qualitativa.

Ao escutar as histórias dos professores, os relatos de suas experiências em sala de aula e ao lecionar conteúdos históricos, busquei dá significado as falas a partir não só das práticas desenvolvidas em sala de aula mas relacionar às suas práticas culturais. Entender como esses professores aprenderam história durante sua escolarização, e como essa experiência o influenciou em sua prática.



Para uma pesquisa que transita entre duas áreas a Educação e a História, este trabalho, propõe-se do ponto de vista historiográfica em debate uma abordagem mais específica no campo da própria História Cultural, a investigação será aprofundada a partir dos trabalhos de Burke (1992,2005), Cardoso (1997), Le Goff (1976,1998), Pesavento (2005) dentre outros. Para tematizar a questão da formação de professores e ensino de História irei pautar-me em estudos como os de Bittencourt (2004), Fonseca (1993), Nóvoa (2000,2002) Perrenoud (2000,2002), Tardif (2002), dentre outros.

Em março de 2013, iniciei o estudo com os futuros pedagogos que comporiam o corpus de análise. O critério de escolha dos vinte sujeitos da pesquisa seguiu os seguintes critérios: a) ter integrado o corpo discente do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR/UNEB- Alagoínhas; b) atuar no Ensino Básico Municipal; c) ter cursado a disciplina História I e II; d) ter cursado a Oficina de Ensino de História oferecido pelo curso.

Ao longo das aulas de Ensino de História I os depoimentos das professoras despertaram o interesse pela realização da pesquisa. A escuta atenta às inquietações, preocupações e avanços conquistados nas aulas de história ministradas pelos professores/estudantes, junto aos seus alunos, assim como, o acompanhamento aos planejamentos e as sequências didáticas possibilitou a presente pesquisa em torno das problemáticas que envolvem o ensino de História, o pedagogo e sua prática pedagógica nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental das cidades de Alagoínhas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A implantação do PARFOR deu condição a muitos docentes, em exercício, das redes públicas a frequentarem cursos de graduação, seja na modalidade presencial ou à distância. A parceria entre estados e municípios tornou possível, em tese, que esses profissionais, que têm larga experiência em sala de aula, pudessem se apropriar de discussões metodológicas e teóricas que viessem a contribuir para suas práxis e, assim, atuarem na educação infantil e no ensino fundamental (1º ao 5º ano) de maneira mais significativa.



Foi o decreto nº 6.755 de janeiro de 2009 que institui a “Política Nacional de Formação de Profissionais do Magistério da Educação Básica” tendo “[...] como objetivo principal assegurar a formação de professores das redes públicas da educação básica” (SANTOS; CHAPANI; SOUZA, 2012, p. 5).

A Universidade do Estado da Bahia UNEB, que desde 1998 investe em Programas Especiais de Formação em Exercício para Professores com atuação na Educação Básica, se disponibilizou a implementar e assumir nas microrregiões onde estão sediados seus Departamentos os Cursos do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica- PARFOR.

Em 2012 o Conselho Estadual de Educação (CEE) por meio do Parecer nº 306/2012 autorizou a Proposta Pedagógica inicial do Curso de Pedagogia – Licenciatura da PARFOR/UNEB (PPP/UNEB/PARFOR, 2013, p. 57).

Para que a operacionalização dos cursos de Graduação ocorresse na região, a Universidade firmou parcerias entre UNEB/MEC- CAPES e UNEB/Prefeituras dos municípios interessados, na oferta dos cursos para os professores que ainda não possuíam a primeira graduação (PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO – CURSO DE LICENCIATURA. UNEB/PARFOR, p.57).

Destarte, a estrutura curricular do curso foi pensada a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura na Resolução CNE/CP n.1, de 15 de maio de 2006. A Resolução em pauta tem por premissa que o estudante de pedagogia deverá trabalhar com um repertório de informações e habilidades composto por pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos cuja consolidação será efetivada no exercício da profissão. No PPP do curso de pedagogia UNEB/PARFOR (2011, p.53) ao tratar das características do trabalho do pedagogo(a) tendo por subsídio a Resolução acima supracitada, adverte:

[...] estamos falando de um trabalho que, além de produção e consumo, envolve um saber fazer em fluxo, que não abre mão do saber instituído, mas se alimenta dele, porém, para se atualizar, de modo criativo e desejavelmente crítico e emancipatório, se faz coletivo. Neste caso, somos instados a dialogar com o campo da gestão das organizações educacionais, em termos reflexivos, para compreender como se dá a



micropolítica do trabalho educacional, no qual os nossos formandos estão em exercício.

A Secretaria da Educação de Alagoins - SEDUC - assinou um convênio, em 2010, com a Universidade Estadual da Bahia. O Departamento de Educação – Campus II- Alagoins, disponibilizou 90 vagas para docentes da Rede de ensino e 30, destas, foram para o curso de pedagogia. A rede municipal tinha, nessa época, mais de 100 profissionais da educação não habilitados, assim o curso da PARFOR aparecia como uma alternativa formativa para esses professores que não tinham o curso de graduação plena.

O Curso de Pedagogia- Licenciatura do Plano Nacional de Professores da Educação Básica- PARFOR/UNEB calcado no pressuposto de que as práticas formativas devem ocorrer na inter-relação entre as experiências, as práticas docentes dos professores e os conhecimentos acadêmicos tenta assegurar ao professor/estudante uma formação plural, significativa na qual como sujeito do processo evidencia a valorização de sua experiência, seus saberes, a escola e seus projetos (NÓVOA,2002). Há uma tentativa de aliar prática e teoria, já que uns dos critérios para cursarem a graduação é que esses professores estejam em efetiva regência de classe. No Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da UNEB/PARFOR essa questão é sinalizada nos seguintes termos:

Dentro destas especificidades, destaca-se o caráter intensivo de formação, associado às experiências e práticas docentes do estudante, de forma a garantir um dos seus princípios básicos – *a articulação da teoria com a prática, sem perder de vista a qualidade desse processo [...]*” (Ibidem, p.62) (grifos nosso).

Contudo, percebemos que essa situação de professor/estudante é delicada no sentido de esses profissionais, em sua grande maioria, não disponibilizarem de um tempo significativo para se dedicar às leituras, pesquisas além das dificuldades para participar de Simpósios, *Workshop*, Seminários que agregam saberes à sua formação continuada. O artigo 67 da LDB/1996 no inciso V postula que está incluído na carga de trabalho a necessidade dos estudantes em formação terem tempo para leitura, planejamento e avaliação sem comprometer sua Formação. Entretanto a realidade apresentada no depoimento de uma das professoras retrata o abismo entre a teoria e a prática:



Na maioria das vezes não temos tempo para estudar em casa. Muito menos participar de encontros fora de nossa cidade. Participar das aulas já é sacrifício, imagine ter que viajar... É muito difícil ser professora e estudante ao mesmo tempo. Tenho a impressão que não estou aproveitando as aulas como deveria, porque estou sempre cansada e preocupada... (PROFESSORA D).

Ao lecionar para esses professores, futuros pedagogos, pude observar os desafios que enfrentavam ao participar de um projeto de formação em serviço. As dificuldades se acumulavam quando entravam em contato com os saberes constituídos dos componentes curriculares trabalhados e a complexa natureza de sua formação que se desdobra entre o desenvolvimento de funções de magistério na Educação Infantil e no Ensino Fundamental (Anos Iniciais), quanto para exercer a gestão em espaços escolares e não escolares, se debatem em torno da afirmação e legitimação profissional.

Diante de uma pluralidade de conhecimentos teóricos e práticos necessários ao desenvolvimento de habilidades e competências desses profissionais se faz urgente uma reflexão sobre a interface entre a formação específica do pedagogo e os saberes mobilizados no ensino de História.

Ao ministrar aulas do componente curricular Ensino de História I e II para os professores e as professoras/estudantes de Pedagogia da UNEB/PARFOR na cidade de Alagoinhas em 2013, assim como, a oportunidade de conduzir um Seminário temático, de 30h, que discutia a adoção de novas metodologias no ensino de História, no ano de 2014, trouxe à tona algumas inquietações que já faziam parte do rol de minhas reflexões no exercício da docência em História há 15 anos.

O estudo sobre a formação de professores, o ensino de História e sua relação com a prática em sala de aula vem ao longo de algumas décadas fazendo parte das pesquisas de educadores e historiadores. É importante sinalizar que a Associação Nacional de História- Seção Bahia (ANPUH-BA) vem avançando nas discussões sobre o ensino de História na perspectiva de aproximar um campo de pesquisa que por sua natureza se aproxima da educação. Para Monteiro, o ensino de História “[...] se legitima e se afirma tanto nos espaços institucionais de produção do conhecimento na área de Educação quanto na área de História” (2004, p.7).



Ações como a implantação do GT Ensino de História e Educação e o II Encontro de Ensino de História da Bahia (UFRB, 2013) marca o diálogo com os inúmeros profissionais de História que atuam na Educação Básica. O VII Encontro Estadual de História realizado na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) em 2014 intensificou o estreitamento de laços entre o pesquisador/historiador que se debruça sobre o ensino de história e o campo da educação. Nesse evento, dos oito Minicursos/Oficinas disponibilizados para os participantes, dois discutiram Ensino de História. E ainda, dos vinte dois Simpósios temáticos três foram voltados para essa temática.

Contextualizar, a trajetória das discussões do ensino de História em eventos voltados para historiadores é relevante à medida que percebemos que na Bahia esse campo de pesquisa tem buscado, de forma sistemática, contribuir para o pensar e repensar os diferentes significados da História, a importância de estudar história na educação básica e colocar em debate que tipo de professores às universidades vem formando para atuar no Ensino Fundamental Anos Iniciais. Segundo Elza Nadai:

[...] devemos buscar conhecer e explicitar a trajetória de constituição da História enquanto disciplina pedagógica. Nesse movimento, se reconhecem e se elucidam, também, os agentes contemplados, seus interesses aceitos bem como os negados. As perspectivas surgirão do seu bojo e deverão da conta de encontrar e esclarecer a ação e contribuição do conjunto dos agentes sociais presentes na história e não somente dos privilegiados tradicionalmente. Esse é o grande desafio a que nós professores e pesquisadores de História devemos responder (2014, p.35).

Partimos da premissa de que a formação de professores é complexa à medida que mobiliza saberes e práticas diversas. Neste contexto, lecionar História para o pedagogo é mais complicado ainda, pois estes, ao desconhecer a maioria dos conceitos históricos, a linguagem e a maioria das produções historiográficas, sentem-se perdidos e desmotivados para ensinar História. Como ensinar o que não se sabe? Como produzir, ampliar e transmitir conhecimento se o desconheço? Eis a questão!

Nas primeiras aulas de Ensino de História I para os professores/estudantes do Curso de Pedagogia do PARFOR/UNEB solicitamos aos professores/estudantes a definição do que é História. Para eles, a História estava associada às datas e fatos históricos, vista



como um instrumento pedagógico na constituição de uma identidade mais local do que nacional. O que ficou evidente nas falas da maioria dos estudantes/professores que ao serem solicitados a rememorarem uma aula de História foram unânimes em socializarem aulas referentes a História das Comunidades em que atuam.

Ao se posicionarem sobre o que é História, enquanto disciplina escolar, ficou evidente a ausência do domínio dos conceitos históricos; uma submissão ao conhecimento trazido pelo livro didático; a desvalorização e o desinteresse pelo conhecimento da disciplina o que leva-nos a reproduzirem deste conhecimento para os educandos que passam ver a História como uma disciplina chata, sem sentido, pois acreditam que estudar história é decorar datas e fatos.

As narrativas recuperaram nas lembranças, dos pedagogos pesquisados, como aprenderam história. Para a Professora B:

Lembro que as aulas de História demoravam a acontecer. Somente próximo de um feriado que a professora trazia geralmente a figura de herói de nossa pátria. Ah, e tinha as cópias enormes...era chato demais. Sempre entendi que História era para aprender coisas da Nação... Eu fazer parte da História? ... Nunca!

Depreende-se assim que as dificuldades dos professores para direcionar o ensino de História para as crianças é um desdobramento das concepções, visões, estereótipos que ao longo de sua vida escolar foram consolidadas. “O que ensinar “da História/em História, “para que ensinar” e por que ensinar” História (FREITAS, 2010) são questões que angustiam os pedagogos todas as vezes que são “obrigados” a elaborarem um planejamento ou uma sequência didática para ministrar aulas de História.

Os planejamentos analisados antes de cursarem os componentes curriculares de História mostravam uma preocupação em demasia com o conteúdo, com os fatos, muitos ainda davam ênfase a data o que demonstrava ainda uma perspectiva de um ensino que primava por ser decorativo. A história descrita naqueles planos de aula estava distante da realidade do estudante. Assim, um grande desafio se avizinhava: além de mostrar a importância da disciplina no currículo escolar e na formação do estudante se fazia urgente desmistificar a ideia de que a aquisição do conhecimento histórico se limita a uma série de fatos objetivos. Uma das falas de uma professoras/estudantes vem ratificar esse



conceito raso de história: “[...] começamos a aula arrumando o nosso cantinho da leitura, não demorou muito eles pediram para que eu contasse uma história, era tudo que eu estava esperando pois o conteúdo da aula seria “HISTÓRIA”. (PROFESSORA E)

A escolha de textos da historiografia que se debruça sobre o ensino de história, textos teóricos que dão conta da epistemologia do conhecimento histórico a socialização das experiências possibilitaram problematizar: a permanência da condição reprodutivista do conhecimento histórico ensinado nas escolas; problemática do livro didático de História; problemática da história dos vencedores; concepção temporal que separa passado do presente de forma a entender o tempo como sucessão de fatos cristalizados.

Essa preocupação em possibilitar a esses professores/estudantes aprender e ensinar História norteou a condução dos componentes curriculares ministrados. Pois, no decorrer deste processo a experiência e a troca de saberes me levaram a refletir:

[...] é possível levar a aprender sem ensinar? Se o professor não tiver clareza sobre o sentido e aplicação de conceitos como cidadania, diferença, semelhança, permanência, transformação, questionamento, convivência e outros que compõem o vocabulário dos programas e materiais de ensino, como será possível conduzir ou mesmo participar de um projeto de aprendizagem? (MICELI,2014, p.40).

Os desafios apresentados são muitos, os dilemas desses pedagogos mais ainda. Entretanto, percebeu-se que a apropriação dos conceitos fundamentais da História numa perspectiva da construção intelectual de teorias, ideias e representações a partir do componente curricular Ensino de História I e II implicou em mudanças na visão do Pedagogo do que é História e da importância dessa disciplina para a formação integral do indivíduo. A prática desses pedagogos foi repensada e reavaliada. Houve realmente a produção de um saber histórico entre os “muros” da Universidade que de alguma forma vem se desdobrando na prática pedagógica dos Pedagogos formados no Campus II da UNEB/PARFOR na cidade de Alagoinhas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de História e a atuação dos professores da educação básica se configuram como um campo de pesquisa em processo de constituição. Como historiadora e professora



perscrutar sobre os significados da palavra História para os pedagogos em formação, sujeitos da pesquisa, assim como discutir as experiências desses professores com o ensino dessa disciplina, me fez perceber a necessidade de uma investigação que discutisse as singularidades e evidenciasse a contribuição de uma política educacional voltada para a formação de professores em exercício na ampliação de conceitos, abordagens metodológicas e a construção de novos significados no ensino de História.

Então, o meu intuito em pesquisar a práxis dos pedagogos, formado pelo PARFOR/UNEB, no ensino de História da cidade de Alagoinhas, objetivou evidenciar a ressignificação dos conceitos caros a História pelos pedagogos e pontuar as possíveis mudanças, os novos desafios e as perspectivas que por ora faziam parte desse novo Professor que foi se consolidando ao longo dos anos de formação.

Da escuta das experiências socializadas pelas professoras, sujeitos, deste estudo, percebi como o investimento na profissionalização fez a diferença no fazer pedagógico. Muitas superaram a condição de serem consumidores e passaram a produtores de conhecimentos. Ao ampliar suas bases teóricas e metodológicas os pedagogos superaram a superficialidade de suas aulas e compreenderam como utilizar os conhecimentos históricos em sua vida e em suas aulas. A partir de uma abordagem focada no estudante, atento ao que pensam, como aprendem, quais suas potencialidades deram mais sentido ao projeto educativo desses pedagogos. É fato, que ainda existem muitos desafios a serem vencidos, contudo nota-se que o ensino de História, em algumas salas de aula da rede municipal de educação de Alagoinhas, nos primeiros anos de escolarização está mais comprometido com as aprendizagens das crianças.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. 7ed. Campinas, SP: Papyrus: Série Pedagógica, 2002.

BITTENCOURT, Circe MARIA F. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 3º ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. **Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DOU, ano CXXXIV, n. 248, p. 27833 - 2784.



BRZEZINSKI, Iria. **LDB/1996 contemporânea: contradições, tensões, compromissos.** São Paulo: Cortez, 2014. p. 112-143.

BURKE, Peter. (Org.). **O que é história cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

CARDOSO, Ciro; VAINFAS, Ronaldo. **Domínios da História.** Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada.** 6. ed. Coleção Magistério: Formação e trabalho pedagógico. Campinas, SP: Papirus, 1993.

FREITAS, Itamar. **Fundamentos teórico-metodológicos para o Ensino de História (Anos Iniciais).** São Cristóvão: Editora UFS, 2010.

HORN, Geraldo Balduino; GERMINARI, Geyso Dongley. **O ensino de história e seu currículo: Teoria e método.** 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LE GOFF, Jacques. **A história nova.** (Tradução Bernardo Leitão et al.) São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MICELI, Paulo. Uma pedagogia da História? In: PINSKY, Jaime. [et.al]. **O ensino de história e a criação do fato.** 14. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

MONTEIRO, Ana Maria; GASPARELLO, Arlete Medeiros; MAGALHÃES, Marcelo de Souza (Orgs.) **Ensino de história: sujeitos, saberes e práticas.** Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2007.

NADAI, Elza. O ensino de História e a “pedagogia do cidadão”. In: PINSKY, Jaime. [et.al]. **O ensino de história e a criação do fato.** 14. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico.** Lisboa: Educa, 2002.

PERRENOUD, Philippe. **A prática reflexiva no ofício do professor: profissionalização e razão pedagógica.** (Tradução: Cláudia Schilling) Porto Alegre: Artmed, 2002.

SANTOS, Sueli Bião; CHAPANI, Daisi Teresina; SOUZA, Marcos Lopes de. **Formação e atuação de professores de ciências (não habilitados) participantes de um curso de licenciatura vinculado ao PARFOR.** Anais do XVI ENDIPE- Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP- Campinas-2012.

SILVA, Marco Porto; PORTO, Amélia. **Nas trilhas do ensino de história: teoria e prática.** 1 ed. Belo Horizonte: Roma, 2012.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA. Pró-Reitoria de Ensino de Graduação-PROGRAD. Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica. **Projeto Político Pedagógico- Curso de Pedagogia- Licenciatura.** Salvador- BA. Setembro de 2013.